

O que é preciso para se refazer um corpo?

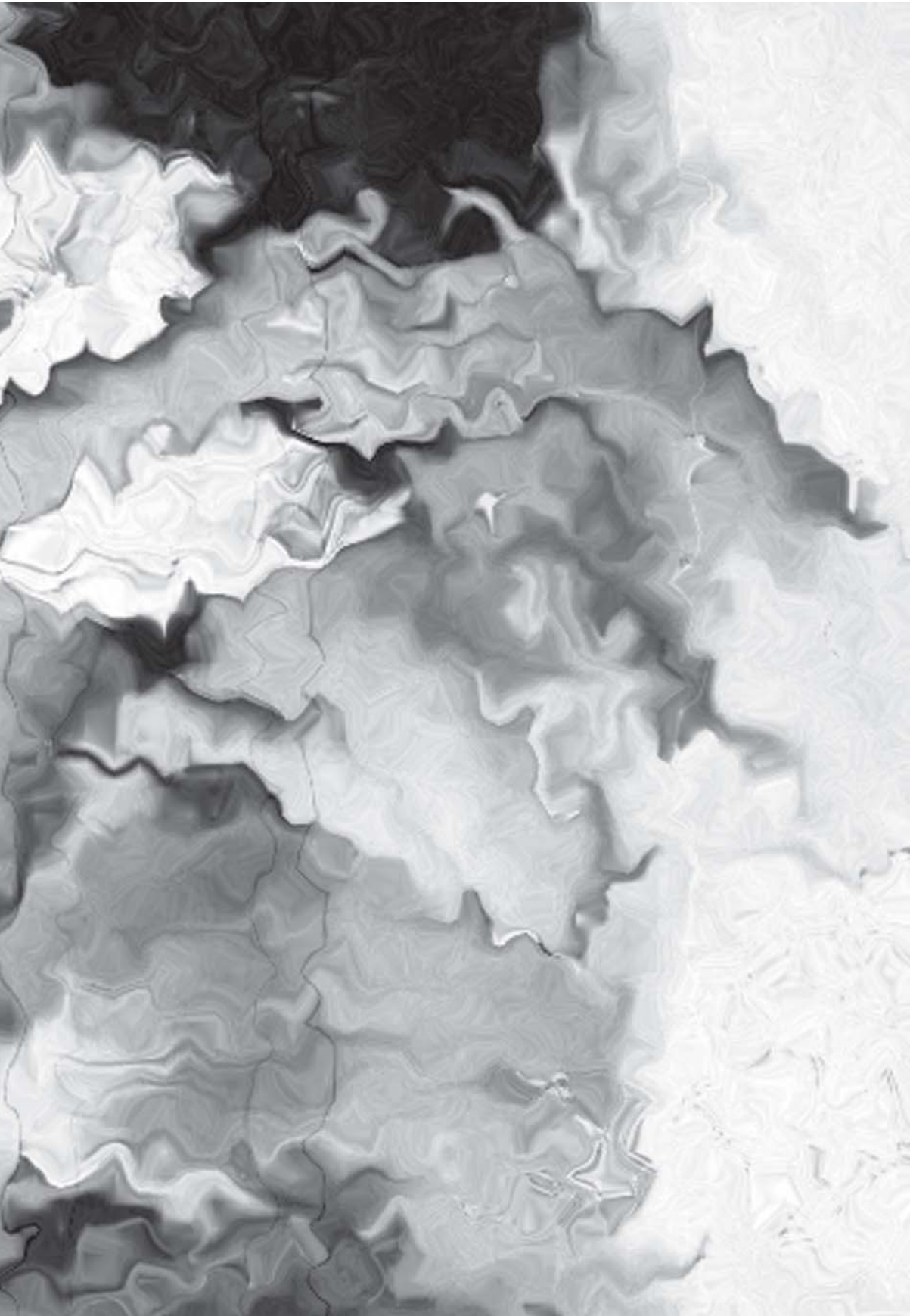
Ana Kiffer*

* Doutora em Literatura Comparada - UERJ,
professora do Depto. de Letras/PUC-Rio.

Este texto pretende apresentar a trajetória da obra do escritor francês Antonin Artaud (1896-1948), ainda hoje pouco conhecida no Brasil, tendo como horizonte as seguintes afirmações: a) a literatura pensa; b) o pensamento poético (i.e. artístico) normalmente desafia a estabilidade das categorias teóricas que prevalecem (não por acaso) num determinado tempo histórico; c) a experiência do pensamento em Artaud não se conforma apenas nos enquadres e ditames da razão, da apreensão intelectual (onde normalmente se situam as teorias), e exige, também do leitor, a possibilidade de se deixar levar pela força da língua, do traço, da voz (i.e. do corpo) que reivindica, desse modo, se refazer, se re-inventar.

No limitado espaço do texto elegemos três momentos distintos desse pensamento poético – o vazio, a fome e o corpo sem órgãos, relacionados à questão do refazer o corpo. Não por acaso, a escolha desses instantes poéticos visam ainda apontar para as conhecidas¹

¹ A referência, claro, diz respeito à irrupção do que se considerou chamar o pensamento da diferença francês cujas figuras que sobressaem são as dos filósofos Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze. No que tange à apropriação do escritor Antonin Artaud deve-se relevar, sobretudo, os dois últimos filósofos citados.



rotações posteriores na ordem do pensamento europeu (e ocidental) que irão, a partir dos anos sessenta do século passado, retomar e ouvir as reivindicações do poeta na construção de planos menos doutrinários do pensamento teórico. Importante hoje ressaltar essa ruptura histórica dado que, na maioria das vezes, os herdeiros dessa mesma ruptura vêm tentando reinseri-la no quadro estável e até mesmo dogmático dos corpos doutrinários, ou, pior, confundido a fenda aberta na doutrina com inconsistência e falta de rigor. Ainda além, não se pode escapar à reflexão que nos diz de uma força cada vez mais implacável e insidiosa que faz disseminar os pequenos fascismos teóricos no interior de nossa *intelligentsia*, momento oportuno, mais uma vez, para se ouvir Artaud. De certa forma estamos também efetuando o percurso empreendido por esses mesmos filósofos dos sessenta na França, só que preocupados em desmistificar o abuso e a banalização de certos conceitos e usos teóricos do aglomerado de seus sucessores, assim como em dar visibilidade à matéria geradora e criadora do pensar que se encontra no poeta Antonin Artaud.

O título do trabalho já indica o desejo de condensar algo dessa trajetória múltipla e multifacetada do escritor francês. Tarefa árdua, posto que sua aventura não se resume sequer na imensidão de uma obra que consta hoje de 28 volumes publicados, inúmeros manuscritos inéditos e em torno de 75 grandes desenhos-escritos², além de cadernos³ que foram incessantemente desenhados e escritos por Artaud de 1945 – quando interno ainda no asilo de Rodez – até 1948, ano de sua morte, já em Paris no asilo de *Ivry-sur-Seine*. Sua aventura supõe ainda um refazer da vida que impede que tomemos sua obra na finitude dos escritos e desenhos que podemos ter em mãos. Trata-se, como desejou o poeta, de se deixar contaminar pela eficácia de um gesto que incide sobre o corpo daquele que

² Por « grandes desenhos-escritos » nos referimos ao uso de suporte em papel de 69X75cm em média que se encontram espalhados pelo Musée Cantini em Marseille, Musée Georges Pompidou em Paris e muitos em coleções particulares.

³ Todos os « cadernos » escritos e desenhados por Artaud se encontram na seção de Manuscritos Modernos da Biblioteca Nacional Francesa, em Paris.

escreve e daquele que lê simultaneamente. Nesse sentido, o gesto cruel de refazer um corpo não se contém nos domínios definidos pelo espírito, não se fixando enquanto saber sobre, mas como conhecimento oriundo da experiência que, como bem definiu Artaud, é uma experiência da vida, da *carne hostil* que se faz surgir entre e a partir dos *golpes* materializados sobre as páginas do papel⁴.

Este título não deixa também de se inspirar no ditado dos navegadores portugueses para quem “navegar é preciso, viver não é preciso”. Ainda mais além, nos interessa o transtorno provocado pelo poeta português Fernando Pessoa no interior do ditado popular: “escrever é preciso, viver não é preciso”. Também em Artaud, *preciso* significa precisar e precisão escritural ao mesmo tempo. A precisão (rigor) é o que fundamenta o princípio da crueldade. Crueldade não se confunde com sangue ou com horror e se torna o gesto preciso, a força implacável capaz de num só golpe demolir o universo das certezas, dos determinismos, da lógica e do autoritarismo do discurso ocidental onde o homem crê viver, para fazer *insurgir sob a inércia* a carne trêmula, a vida.

Já em 1924, num texto intitulado *Posição da Carne*, dizia o poeta: “Eu penso a vida. Todos os sistemas que eu poderia edificar não se igualarão jamais aos meus gritos de homem ocupado em refazer a vida” (OC, I*, 50)⁵. Importante salientar que a precisão do refazer vai necessariamente evocar o dilaceramento das fronteiras bem definidas pelos suportes a serem utilizados normalmente por um escritor e, assim sendo, a cena artaudiana vai conjugar, invadir,

⁴ Esta alusão à vida vai encontrar intensa ressonância na diferenciação que Michel Foucault faz entre o saber e o conhecimento, nos textos em que busca retomar as práticas escriturais greco-romanas em torno da aceção de uma estética da existência que por si só já não se deixa mais enquadrar no rígido quadro do saber exclusivamente *sobre* algo, senão que insere a experiência com e como objeto a conhecer (i.e. o objeto se subjetiva). Também aqui já poderíamos fazer alusão à idéia que Deleuze toma de Artaud, o corpo sem órgãos, funcionando não como categoria no interior de um sistema teórico *a priori* fechado e determinado (como pregava o estruturalismo anterior), mas como conceito que reúne os corpos teórico-práticos num constante revezamento dos dois, a partir de agora, local e fragmentariamente.

⁵ Os textos de Artaud referentes às suas *Obras Completas* editadas pela Gallimard serão indicados desta maneira, onde OC corresponde à Obras Completas, o chifre romano corresponde ao volume em questão e o chifre árabe ao número da página. A tradução das citações do original francês é de nossa responsabilidade.

perpassar a cena escrita e desenhada, a cena teatral, a cena radiofônica, entre outras. No entanto, diferenciando-se dos movimentos vanguardistas, que também romperam certos limites e enquadres, Artaud, em todas as cenas, prolifera e multiplica uma experiência do pensamento. Mas, tal qual a crueldade, o pensamento não vai se firmar no sedimento ocidental e latino, onde se trata de obter idéias claras. Para o poeta, cito, “idéias claras são idéias mortas e terminadas” (OC, IV, 39). Episódio este que abre para Jacques Derrida o solo de um combate contra o eurocentrismo, assim como contra as hierarquias dicotômicas que definem e apartam o original da cópia⁶. Será o próprio Jacques Derrida que vai incidir sobre essa passagem de Artaud ressaltando como, aí mesmo, o poeta não se abstém de seu combate contra as “idéias claras de Descartes”⁷. Mas não sejamos ingênuos nem precipitados, posto que erodir o solo cartesiano da cultura ocidental não significará cair no obscurantismo, no desagregar da linguagem ou no puro acontecimento onde se quer inserir a obra de Artaud, mais uma vez impedindo sua produção de pensamento. Sucessivos equívocos foram, nesse sentido, cometidos face ao legado do poeta. Trata-se, como assinalou Maurice Blanchot⁸, de perceber que o *pensamento não é mais um conjunto de idéias, uma doutrina ou um sistema*. O pensamento é, em Artaud, *o esforço para pensar e jamais o possuir pensamentos*, o pensamento está por se fazer, por se forçar, ou como escreveu o poeta:

“As palavras não querem dizer nada: elas devem viver,/ a linguagem não é uma convenção,/ ela anda sobre a dialética discursiva danando-a e passa,/ então isso aqui é a minha vida. (...). Pois é preciso entender que tudo isso não é uma doutrina/ mas um fato.”
(OC, XXIII, 140-141)

⁶ Sobre original e cópia ver também o artigo de Silvano Santiago, inspirado na leitura de Derrida, intitulado “O entre-lugar do discurso Latino Americano”. In: *Uma literatura nos trópicos*, Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

⁷ *Forcener le subjectile, Artaud – Dessins et portraits*. Org.: Jacques Derrida et Paule Thevenin, Paris, Gallimard, 1986, p.59.

⁸ *Le livre à venir*, Paris, Folio Essais, 1959, pp.50-58.



O fato para Artaud não se relaciona com a crença positivista nem fenomenológica. Trata-se, em primeiro lugar, de reivindicar um espaço que pensa fora dos sistemas e das doutrinas. Em segundo lugar, trata-se de um campo de forças muito mais do que um espaço de representação. Nesse sentido, o fato não cria uma história ou uma narrativa, ele é a crueldade para Artaud. Ou, como posteriormente definiu Deleuze, *o fato é aquilo que se opõe à representação*⁹, que resiste à representação e, portanto, à própria condição de possibilidade narrativa tal qual construímos. Deleuze ainda sustenta que *o sistema da crueldade é aquilo que vai se opor à doutrina do julgamento*¹⁰. Trata-se de romper com o solo do próprio logos que permanece através da dívida infinita e, como consequência, através da crença numa existência imortal. No sistema da crueldade a morte assume força vital. A vida não sendo nada além do que instantes (êxtases) de relativo equilíbrio das forças sobre os corpos¹¹. Sendo assim, a crueldade é a reivindicação de uma vida que quer viver, mas que sabe, como disse o poeta, que “a vida é sempre a morte de alguém”. Estamos, com Artaud, tensionados entre a crueldade do fato e as reivindicações de outros e transitórios espaços possíveis para os corpos, a serem, de modo sempiterno, refeitos, reconstruídos.

É na ordem da reivindicação¹² que se deve abordar a série “vazio, fome e corpo sem órgãos”. Desde seus primeiros escritos da

⁹ Francis Bacon : *Logique de la sensation*, Paris, Éditions de la Différence, pp. 9-12.

¹⁰ “*Pour en finir avec le jugement*” In: *Critique et Clinique*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1983.

¹¹ Sobre a morte vital em Artaud ver também o livro de Evelyne Grossman, *La défiguration*, Paris, Éditions de Minuit, 2004.

¹² A reivindicação já remete o pensamento tanto para sua força de ação, quanto para sua instabilidade no que tange ao modo de preceituar. Sobre a reivindicação, como modo ou operador do pensamento em Artaud, ver também o livro *Antonin Artaud – uma poética do pensamento*. Espanha, La Coruña, Biblioteca Arquivo Teatral Francisco Pillado Mayor, 2003, desta autora.

década de vinte o vazio aparece como um dos lugares fundadores para o refazer do corpo. Ele se anuncia como efeito da “erosão do pensamento” e do “abando do espírito” (OC, I*, 23-46). Trata-se de escrever a partir do vazio e trata-se, sobretudo, de uma escrita que visa incidir sobre “a intermitência do ser”. Nesse sentido, deve-se aliar o vazio à reivindicação do que Artaud em 1946, no *Préface* às suas *Obras Completas*, chamará de “obra abortada”. O vazio é o espaço da falha e jamais da falta. Só assim podemos conceber que o aborto nasce em Artaud. Sua obra se faz nesse espaço ou nessa intermitência ou nessa falha. Assim sendo, o vazio se afasta por completo da idéia de interioridade. Diferenciar a falha da falta é devolver à obra seu caráter de resistência, na medida em que ela se impõe e não se ausenta. No entanto, se impõe enquanto obra falhada o que nos obriga a questionar os preceitos de totalidade que fazem par àqueles preceitos da falta e que, como sabemos, não deixam de engrossar o caldo das doutrinas do julgamento.

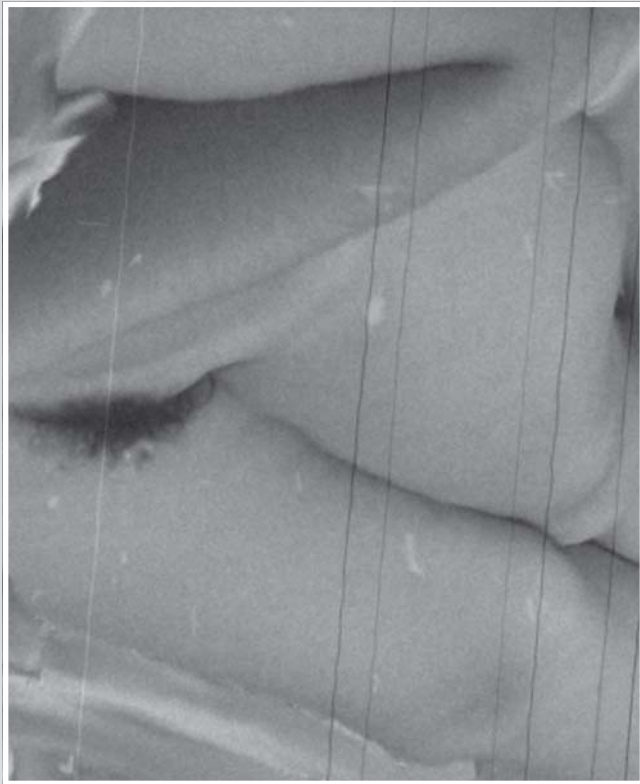
Do mesmo modo a fome vem reivindicar um estatuto positivo de resistência em Artaud. Essa idéia na verdade tem nos interessado especialmente desde 1998 posto que ela reverbera algumas das teses que já existiram¹³ (e hoje andam meio desaparecidas) no espaço cultural e artístico brasileiro. A fome se coloca primeiro, para Artaud, num poema político escrito em 1932 e intitulado *A fome não espera* (OC, VIII, 11). O surpreendente neste poema é sua solução final que conclama o povo francês a “fazer de sua própria fome seu tesouro”. Antes que o inevitável aconteça e a fome se torne valor de mercado, ouro ou dinheiro no destino da política “façamos nós mesmos da fome nosso tesouro”. Ora, não se tratando de pregar a miséria, Artaud incide justamente na diferenciação entre fome e miséria. A primeira aparece como traço de um corpo-força, lugar de reconstrução do corpo mutilado pela miséria, esta sim

¹³ Ver sobretudo Josué de Castro, *A geografia da fome – o dilema brasileiro, pão ou aço*, Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2002 & Glauber Rocha, “A estética da fome”, In: *A Revolução do Cinema Novo*, Rio de Janeiro, EMBRAFILME. Da relação da questão entre os dois autores publicamos artigo intitulado “Glauber Rocha et l’esthétique de la faim” In: TEXTUEL 44, *Corps politique – cosmopolitismes XVIIIe-XXIe siècle*. Paris, UPVII Denis Diderot, Revue de la UFR, “Sciences des Textes et Documents”, juin 2004. p. 139-149.

produzida política e economicamente. A fome se alia ao vazio-cheio das potências do virtual como força constitutiva do corpo a se fazer. Ela se manifesta em seu projeto para um teatro da crueldade quando o autor escreve que se trata de extrair “daquilo que se chama cultura, idéias cuja força viva seja idêntica à da fome” (OC, IV, 9). Trata-se, ainda, de um apelo e uma chamada para romper o tecido alienado do leitor fadado aos esquemas de ingestão. Nesse sentido, em meio às exigências aceleradas do consumo e muitas vezes da deificação dos desejos, a fome para Artaud é resistência onde a resistência pode ser desejo de nada, o que não significa dizer nada de desejo¹⁴. Em inúmeros outros momentos a fome vai reaparecer, se apresentando como uma de suas matrizes poéticas. Em 1947, Artaud é convidado pelo diretor das emissões dramáticas e literárias da Radiodifusão Francesa a preparar uma emissão radiofônica para o ciclo intitulado a Voz dos Poetas. Ele pergunta se efetivamente poderia tramar com total liberdade sua proposta e tendo o aval positivo elabora o texto intitulado *Para acabar com o julgamento de Deus* (OC, XIII, 65-118). Será nesse texto que aparecerá pela primeira vez em Artaud a idéia de *corpo sem órgãos*. Depois de realizado e gravado o texto, com a participação de Paule Thévenin, Maria Casares e Roger Blin, *Para acabar com o julgamento de Deus* é censurado pelo então diretor geral da Rádio, Sr. Wladimir Porché. Já bastante doente pouco antes de morrer, Artaud escreve a Paule Thévenin carta na qual retoma o episódio radiofônico e diz:

“Paule, estou muito triste e desesperado, meu corpo dói por todos os lados, mas sobretudo tenho a impressão de que as pessoas se decepcionaram com minha radio-emissão. Por isso não farei mais nada com o Rádio e me consagrarei exclusivamente ao teatro tal qual o concebo, (...). Tive uma visão esta tarde – eu vi os que vão me seguir e que ainda não têm corpo porque os porcos como esses do restaurante de ontem à noite comem muito. Existem esses que comem muito e outros que como eu não podem mais comer sem escarrar.” (OC, XIII, 146-147).

¹⁴ Remeto essa observação a conversa com Tatiana Roque.



Porcos ou ‘predadores’ – para Artaud, o combate é a força inevitável de um pensamento-corpo que se sabe roubado pelos glutões da cultura. A fome e o vazio são assim aliadas primordiais do que Artaud formulará como corpo sem órgãos, corpo este que deve se destituir dos automatismos orgânicos e ou gramaticais, do diagrama físico e fisiológico que tem consagrado muitas das investidas discursivas e políticas ainda hoje, nesta nossa cultura do corpo. Corpo apto apenas aos automatismos das retificações exorbitantes promovidas em conjunto pela ciência, tecnologia e indústria cultural, e completamente incapaz de se refazer a partir das forças cruéis que atravessam a vida. Trata-se de retirar da cena corporal aquilo que faz organismo, que seja orgânico ou organizacional, tal qual nos impõe as forças fascistas da homogeneidade¹⁵. Mas antes de tudo, para Artaud, corpo sem órgãos é o surgimento poético e político de um pensamento do corpo ou como chamou, dos “novos corpos de sensibilidade”. Um pensamento do corpo deve restar, desse modo, como lançamento, projeção e projétil, posto que é um pensamento do dissenso, da reivindicação. As ruínas ou os totens do pensamento imóvel deveriam sofrer o impacto cruel dos corpos ‘inter-jectivos’ de Artaud. Eles mesmos, tais corpos, não se totalizando, mas, sim, se desorganizando, corpos sem órgãos. Para que possamos materializar esse combate entre o corpo orgânico e o corpo sem órgãos escolho apresentar aquilo que o poeta formulou ser o combate entre o rosto e o corpo humano. Deve-se notar que na cultura ocidental o rosto se fez ícone expressivo por excelência de tudo aquilo que ordena e baliza a fundação de uma interioridade, seja ela reflexiva ou emotiva. O traço radical que o separa desta tradição indica um abalo das concepções acerca do fundo e da superfície, interior – exterior. Assim como o vazio não é falta e a fome não é miséria, a superfície para Artaud não se opõe à profundidade senão que ela mesma se oferece como abismo do corpo. Abismo

¹⁵ Sobre a diferenciação do fascismo da primeira metade do século XX para os fascismos contemporâneos vale a assertiva de Pier Paolo Pasolini que indica para o primeiro a construção do diferente assim como para o segundo a exigência do igual. Ver: “*Le véritable fascisme et donc le véritable antifascisme*” (1974), In: *Écrits corsaires*, Paris, Flammarion, 1976.

não significa a mesma coisa que profundidade ou interioridade. Ele escreve: “o abismo insondável da face, do inacessível plano da superfície” (OC, XIV**, 147). Em francês, superfície ainda guarda o sufixo *face*, onde se lê: *surface*. Trata-se de um trabalho sobre as *surfaces*. Este trabalho impõe, por um lado, romper com as determinações da interioridade, o que para um escritor significa romper com os paradigmas que governam a textualidade em proveito da escrita. Escrita é corpo, é dança, é teatro, é desenho. Nesse sentido é que em todos seus últimos anos de vida Artaud devolveu a arte de escrever à escrita, retirando-a do reinado dos textos¹⁶. No tocante às relações entre rosto e corpo o autor nos diz:

“O rosto humano é uma força vazia, um campo de morte, a velha reivindicação revolucionária de uma forma que jamais correspondeu ao seu corpo, que partiu para ser outra coisa que não o corpo. (...). O que quer dizer que o rosto humano ainda não encontrou a sua face e cabe ao pintor lhe dar.”

Trata-se de devolver o rosto ao corpo. E para tanto é preciso encontrar a sua face. Nesse sentido, o rosto humano será o lugar privilegiado da reivindicação, da revolução ou do combate para se refazer o corpo, entenda-se, para se fazer um corpo sem órgãos. Já que no corpo orgânico o rosto deixa de ser corpo, e o próprio corpo deixa de sê-lo em proveito dos organismos ou da exclusiva organização orgânica. Tal organização Artaud busca combater com a força do traço que se abate incluso sobre a própria organização gramatical da língua, assim como sobre a linha, no duplo sentido, da linearidade da escrita e do discurso. Contra as linhas desencarnadas e mortas ele tira os traços do rosto para projetá-los no retrato. Em francês *tirer* significa tirar, mas também dar tiros.

¹⁶ Indico aqui as construções poético-plásticas que atravessaram todo o último período de vida do poeta (1945-1948). Já a partir de 1937 Artaud começou a escrever cartas, intituladas “sortes”, que eram construídas plástica e poeticamente, onde o suporte era queimado, desenhado, escrito e pintado, nele destituíam-se reto e verso, dentro e fora simultaneamente. Para ver os desenhos-escritos do autor indica-se o livro *Artaud, Dessins et Portraits*, org. Derrida, J. & Thevenin P. Paris, Gallimard, 1986.

Pressionar, deformar, esburacar, metralhar e talhar o rosto morto dessa cultura ocidental para fazer insurgir a carne hostil, superfície e abismo da face, ou como ele finalizou em seu poema: “abismo insondável da face, do inacessível plano da superfície por onde se mostra o corpo do abismo, o abismo em corpo, esse abismo o corpo, o abismo corpo” (OC, XIV**, 147). ■

Referências bibliográficas

- ARTAUD, Antonin. (1994), *Oeuvres Complètes I**, Paris: Gallimard (1ª ed.: 1976).
_____. (1994), *Oeuvres Complètes IV*, Paris: Gallimard (1ª ed.: 1978).
_____. (1996), *Oeuvres Complètes XIII*, Paris: Gallimard (1ª ed.: 1974).
_____. (1978), *Oeuvres Complètes XIV**, *Suppôts et Supplications*. Paris: Gallimard. (1ª ed.: 1978).
_____. (1978), *Oeuvres Complètes XIV***, *Suppôts et Supplications*. Paris: Gallimard. (1ª ed.: 1978).
- BLANCHOT, Maurice. *Le livre à venir*. Paris, Folio, 1959.
- CASTRO, Josué de. *A geografia da fome – o dilema brasileiro: pão ou aço*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *Critique et Clinique*. Paris: Les Éditions du Minuit, 1993. 187p.
_____. *Francis Bacon : Logique de la sensation I & II*. Paris : Éditions de la Différence.
- DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. *Capitalisme et Schizophrénie - L'Anti-Oedipe*. Nouvelle Édition Augmentée. Paris : Éditions de Minuit, 1999. 494 p.
- DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. *Mille Plateaux – capitalisme et schizophrénie 2*. Paris : Ed. Minuit, 1980. 645p.
- DERRIDA, Jacques. *L'écriture et la différence*. Paris : Éditions du Seuil, 1967. 436p.
_____. “Forcener le subjectile” in *Artaud – Dessins et Portraits*. Org.: Jacques Derrida e Paule Thévenin. Paris: Gallimard, 1986. pp.55-105.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Fra Angelico: Dissemblance et Figuration*. Paris : Flammarion, 1995, 442 p.
_____. *Être Crâne: Lieu, Contact, Pensée, Sculpture*. Paris : Éditions de Minuit, 2000. 92 p.

_____. *Ce qui nous voyons, ce qui nous regarde*. Paris : Éditions de Minit, 1992. 209 p.

GROSSMAN, Evelyne. “Préface à *Van Gogh le suicidé de la société*” in *Van Gogh le Suicidé de la Société*. Artaud, Antonin. Paris: L’Imaginaire Gallimard, 2001. pp.9-23.

_____. *L’esthétique de Beckett*. Collection Esthétique. Paris : SEDES, 1998. 219 p.

_____. *Artaud/Joyce: le corps et le texte*. Paris: Ed. Nathan, 1996. 240p.

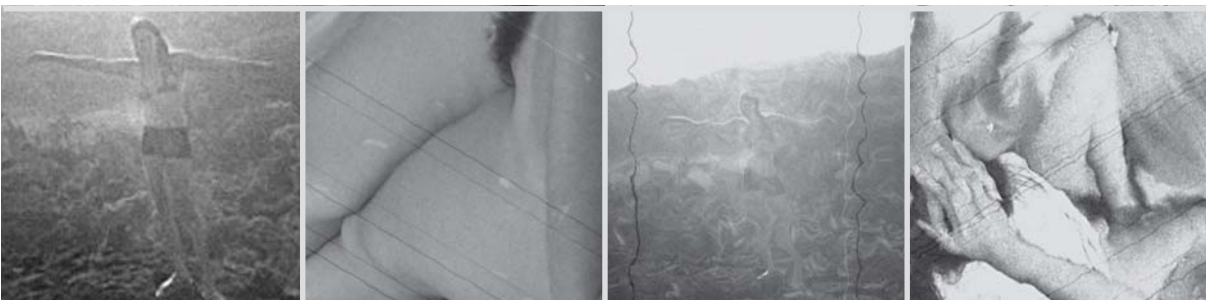
_____. “Antonin Artaud et la figure du poète maudit (*maudire/maldire: supplicier la langue*)” in *Figures du poète moderne*. Org. : de Jean-Michel Maulpoix, revue Rythme n°21, Université Paris X, 2000, pp. 95-109

KIFFER, Ana. “*Les corps de la faim* » in *Europe, Revue 873-874*, Numéro Especial Artaud. Paris, jan-fev. 2002. pp. 133-140.

_____. “*Glauber Rocha et L’esthétique de la faim* » . In *Textuel 44, Corps Politique – Cosmopolitisme*. Paris, UPVII, Denis Diderot, Revue de la UFR, juin 2004.

PASOLINI, Pier Paolo. *Ecrits Corsaires*. Paris, Flammarion, 1976.

ROCHA, Glauber. *A revolução do Cinema Novo*. Rio de Janeiro, Embrafilme.



O que é preciso para se refazer um corpo?

Ana Kiffer

Resumo

O presente artigo busca apresentar a trajetória do poeta Antonin Artaud (1896-1948), para em seguida desenvolver três questões fundamentais no escopo do que indicamos ser a formulação de seu pensamento poético, são elas: o vazio, a fome e o corpo sem órgãos.

Palavras-chave

Palavras-chave: poética – corpo – fome

Abstract

This article wish presented Antonin Artaud's works (1896-1948), to discuss three important questions in his poetical thought. They are: blank, famine and body without organs.

Key words

Poetical – body – famine

E-mail:

akiffer@uninet.com.br